



Setembro/Outubro de 2014, Ano 2, Número 7

ISSN 2357-9498

BOLETIM DO MUSEU DE EMBRIOLOGIA E ANATOMIA BERNARD DUHAMEL E CENTRO DE MEMÓRIA E HISTÓRIA DA MEDICINA LYCURGO DE CASTRO SANTOS FILHO

Diretor: Prof. Dr. Paulo Tubino

Colaboradores: Prof^a Dr^a Elaine Maria de Oliveira Alves (UnB), Prof. Paulo Victor Alves Tubino (Faciplac).

KOCH (*Mycobacterium tuberculosis* ou bacilo de Koch), ESCHERICH (*Escherichia coli*), YERSIN (*Yersinia pestis*), PETRI (placa de Petri), OSWALDO CRUZ (*Trypanosoma cruzi*): EPÔNIMOS DA BACTERIOLOGIA, HOMENAGENS MERECIDAS.

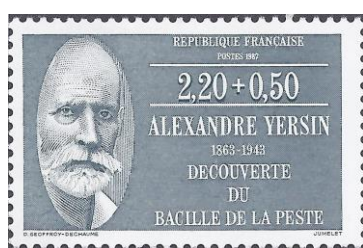
Como apreciadores e estudiosos da História da Medicina, somos obviamente a favor dos epônimos. Felizmente, apenas poucos setores da Medicina tentam acabar com os epônimos. Outros mantêm os nomes dos descobridores, dos estudiosos, dos que compreenderam bem os fenômenos patológicos, homenageando-os. Exemplo importante é o da bacteriologia. Citamos alguns nomes:

Robert Koch (1843-1910), médico e microbiologista alemão, anunciou em 1822, o descobrimento do bacilo da tuberculose, até hoje merecidamente conhecido como bacilo de Koch. A partir de uma cultura de germes colhidos do pulmão de um doente, injetou os microorganismos em cobaios e, nas necropsias, mostrou a contaminação dos animais.



Robert Koch. Alemanha Ocidental, 1960 (acervo dos autores).

Theodor Escherich (1857-1911), pediatra e bacteriologista alemão, identificou em 1885 um dos germes encontrados nas diarreias, ao qual foi dado seu nome: *Escherichia coli*.



Alexandre Yersin. França, 1987 (acervo dos autores).

Alexandre Émile John Yersin (1863-1943), médico e biólogo francês, foi enviado pelo Instituto Pasteur para estudar a epidemia de peste que afetava Hong Kong. Em junho de 1894 isolou o bacilo responsável pela peste bubônica, que passou a ser chamado *Yersinia pestis*. Desde então outras bactérias do mesmo gênero foram descobertas e batizadas de *Yersinias*.

Julius Richard Petri (1852-1921), bacteriologista alemão e assistente de Koch, inventou em 1877 um recipiente cilíndrico achatado, de vidro, que preenchido por líquido nutritivo formado por ágar e meio de cultura permitia desenvolver colônias de bactérias: a placa de Petri, usada até hoje.



Oswaldo Cruz. Brasil, 1954 (acervo dos autores).

Oswaldo Gonçalves Cruz (1872-1917), médico e higienista brasileiro, foi decisivo na erradicação da febre amarela, varíola e peste bubônica do Rio de Janeiro. Carlos Chagas, seu discípulo, descobriu em 1909 o protozoário causador da tripanossomíase americana e nomeou-o *Trypanosoma cruzi* em homenagem ao mestre.

Paulo Tubino e Elaine Alves

ÍNDICE

EPÔNIMOS DA BACTERIOLOGIA	1
FENDA LABIAL: DA INQUISIÇÃO AO TRATAMENTO	2
O PRIMEIRO TRANSPLANTE RENAL BEM SUCEDIDO	2
PROPAGANDA DOS MEDICAMENTOS: CURIOSIDADES	3
TERIAGA, TRIAGA, TERÍACA	4

FENDA LABIAL: DA INQUISIÇÃO AO TRATAMENTO

Desde os tempos mais remotos os povos se preocupavam com as anomalias aparentes, principalmente as da face, como as fissuras labiais. Esculturas e manuscritos encontrados por arqueólogos comprovam esses fatos. Há relatos de que na Idade Média as crianças que nasciam com as referidas anomalias eram mortas pelas próprias mães, que temiam ser responsabilizadas e queimadas vivas. Fatos semelhantes ainda ocorrem em algumas tribos indígenas.

As fendas labiais são as anomalias mais frequentes encontradas na cabeça e pescoço. Ao final da quarta semana de gestação, aparecem as proeminências faciais, consistindo basicamente de mesênquima induzido pela crista neural e pelo primeiro par dos arcos faríngeos. A fenda labial ou lábio leporino se deve à ausência parcial ou total da fusão da proeminência maxilar com a proeminência nasal medial, de um dos lados ou de ambos, podendo estar associada ou não à fenda palatina. O diagnóstico pode ser feito clinicamente ou por meio de ultrassonografia pré-natal.

Em 1938, o cirurgião parisiense Victor Veau (1871-1949) publicou o livro *Bec-de-lièvre*, em que apresenta sua vasta experiência na correção de fissuras labiopalatinas, com técnicas operatórias que ficaram conhecidas pelo seu nome, e dá importante contribuição pois relaciona as formas clínicas e a embriologia.

Outros cirurgiões também se destacaram no tratamento dessas anomalias: Arthur B. LeMesurier (1890-1982) e D. Ralph Millard (1919-2011). Suas técnicas para queiloplastia, somadas aos métodos mais recentes, fornecem várias opções para a terapêutica das deformidades labiais. Essas anomalias sempre se acompanham de deformidades da cartilagem da asa do nariz do mesmo lado, o que torna trabalhosa sua correção cirúrgica, mas que deve ser a mais perfeita possível para preservar a criança de traumas psicológicos.

Nayara Martins Cabral (Acadêmica de Medicina da Faciplac)



Fissura labial unilateral. Modelo elaborado por Alessandra Vanessa e Fernanda Thomé (Acadêmicas de Medicina da Faciplac). Peça do Museu de Embriologia e Anatomia Bernard Duhamel (fotografia: Bruno Frederico Salaroli).

O PRIMEIRO TRANSPLANTE RENAL BEM SUCEDIDO

O primeiro transplante renal bem sucedido foi realizado em 23 de dezembro de 1954 por Joseph Edward Murray (1919-2012) no então *Peter Bent Brigham Hospital*, em Boston (EUA), entre os gêmeos Richard e Ronald Herrick. Além de Joseph Murray, cirurgião plástico, a equipe era composta basicamente por: Francis Moore (1913-2001), cirurgião-chefe; George Thom (1906-2004), médico-chefe; John Merrill (1917-1984), nefrologista; Hartwell Harrison (1909-1984), urologista; Leroy Vandam (1914-2004), anestesista. Por sua contribuição ao desenvolvimento de técnicas de transplante de órgãos, Murray recebeu o Prêmio Nobel em Medicina de 1990.



Joel Babb, *Primeiro transplante renal bem sucedido*, 1996. Reprodução exposta no Centro de Memória e História da Medicina Lycurgo de Castro Santos Filho.

Em 1995, Murray, Moore e Vandam encomendaram ao pintor Joel Babb (n.1947) um quadro que celebrasse o transplante. O pintor teve a ajuda de uma fotografia e da memória vívida dos médicos, que também lhe proporcionaram uma sala cirúrgica como modelo para que aprendesse seu funcionamento.

O evento foi pintado meio século depois que ocorreu. Babb representou a área que separa as duas salas em tons mais escuros, sugerindo uma progressão das trevas à luz, da inconsciência para a consciência e da ignorância para a iluminação; tudo isso para evidenciar uma nova era na cirurgia moderna.

Francis Moore, convidado por Murray e Harrison para transportar o rim a ser transplantado de uma sala para a outra, está representado no centro do quadro, levando-o em uma bacia. É um dos mais belos momentos da História da Cirurgia.

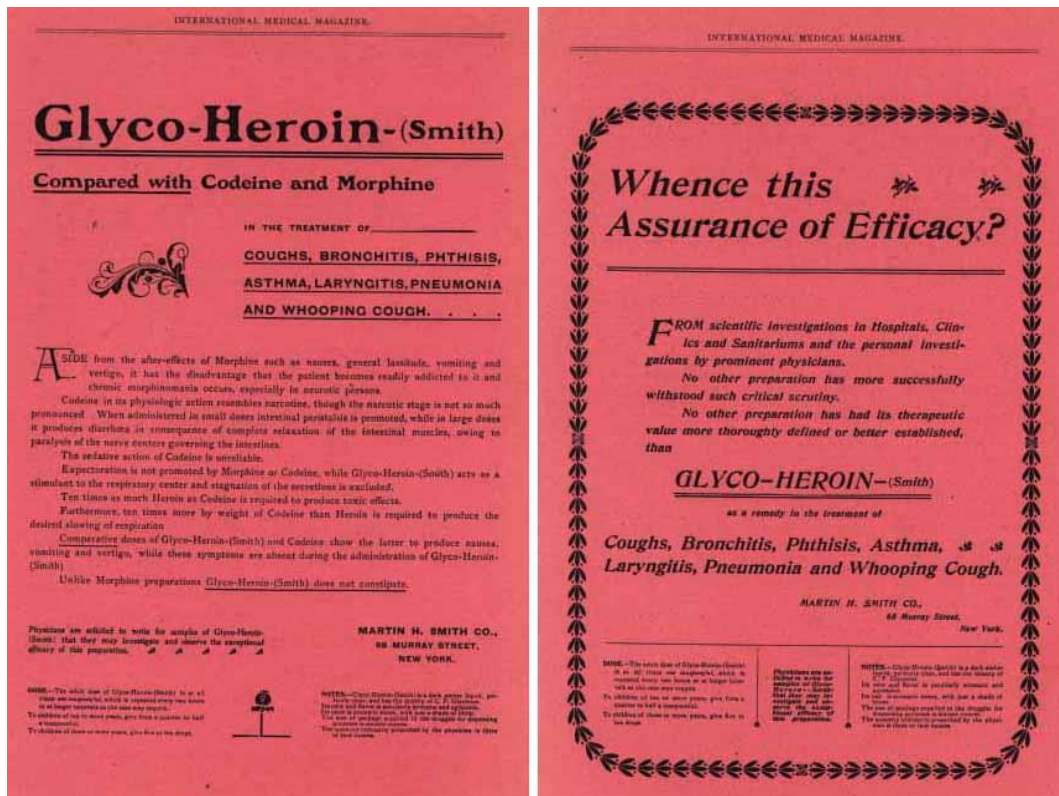
Isac Roldão, Kellen Karenine, Victor Ramos, Wendel Issi (Acadêmicos de Medicina da Faciplac)

NOTA: As referências dos textos publicados, assim como as sugestões de leitura, estão disponíveis no endereço eletrônico <www.faciplac.edu.br/museu>.

PROPAGANDA DOS MEDICAMENTOS: ALGUMAS CURIOSIDADES HISTÓRICAS

Ao longo da História da Medicina nota-se a influência da indústria farmacêutica na forma de ver e de tratar o doente, ditada pelo expressivo número de vendas. Analisando-se a evolução dos medicamentos desde os primórdios observa-se o papel fundamental da propaganda, cujo objetivo não era informar e sim convencer. Para tal fazia o uso de ilustrações representativas conforme a medicina de cada época.

Em torno dos anos 1900, o consumo de drogas – atualmente consideradas ilegais ou de uso restrito – era amplamente difundido e de livre acesso à população, como é o exemplo da heroína, produzida a partir da mistura com glicerina. A aplicação principal da heroína foi na analgesia, contudo foi também empregada no tratamento de asma, tosse e pneumonia.



Propaganda da *Glyco-Heroin*, fabricada pela *Martin H. Smith Co. (New York)*, *International Medical Magazine* de janeiro de 1902. Misturar heroína com glicerina, açúcar e especiarias tornava o sabor mais palatável para o uso oral. Disponível no Centro de Memória Lycurgo de Castro Santos Filho.

Na década de 1920, indústrias como Merck, Schering, Beecham, Sidney Ross, Rhodia e Bayer adotaram a mulher como público-alvo. Aproveitando-se do hábito cultural brasileiro da automedicação, o Laboratório Daudt (laboratório brasileiro fundado em 1882) fez do remédio “A Saúde da Mulher” um dos produtos mais vendidos no país, notável por prometer o alívio do desconforto uterino que fazia das mulheres da época “escravas voluntárias”, conforme o anúncio visto à direita (disponível no Centro de Memória Lycurgo de Castro Santos Filho).

Muitos dos medicamentos comercializados eram na verdade produto de charlatões, sendo alguns desses ainda utilizados atualmente, o que enfatiza como o doente ainda é visto como um consumidor qualquer, por um mercado que tende a deformar o processo de cura. Posto que é cada vez mais relevante o uso da publicidade também na história da medicina moderna, faz-se necessário entender os limites do mercado, da sociedade e da saúde a fim de se promover o correto exercício da Medicina.

Ana Carolina Gonçalves e Silva, Natália Matos Guimarães, Taynnã Moura
(Acadêmicos de Medicina da Fiaciplac)



Anúncio publicado na revista *O Cruzeiro*, 1929.

TERIAGA, TRIAGA, TERÍACA

Galeno de Pérgamo (c. 129-200 d.C.), com sua obra *De methodo medendi* (Sobre a arte de curar), teve grande impacto sobre a Farmácia, pois discutiu as propriedades e as misturas de ervas (também chamadas simples, do latim *simplex*, antigo termo para qualquer erva com reais ou supostas propriedades medicinais). Galeno classificou-as pelos seus efeitos farmacológicos, com base em suas qualidades na patologia humoral, dividindo-as em três categorias: 1) Os simples que tinham uma das quatro qualidades: frio, quente, seco ou úmido. 2) Os compostos, fármacos complexos que tinham mais de uma dessas qualidades. 3) Drogas que tinham ações específicas, por exemplo: eméticas, diuréticas, purgativas. Em seus tratados, Galeno descreveu 473 drogas de origem vegetal, animal ou mineral e uma grande quantidade de drogas compostas. Ele preparava seus próprios remédios e criticava quem confiasse essa tarefa a outros.

Embora não fossem originais de Galeno, três tipos de medicamentos foram utilizados de forma universal: a *hiera picra*, a *terra sigillata* e a teriaga. A *hiera picra* é o mais antigo composto farmacêutico. A fórmula de Galeno era composta de aloe (planta medicinal da família das liliáceas, também chamada babosa, cujas folhas têm suco amargo, catártico e estimulante), ao qual eram juntadas ervas aromáticas e mel. A *terra sigillata* era uma argila gordurosa – contendo sílica, pedra ume, giz, magnésio e óxido de ferro, existente nas ilhas gregas de Lemnos, Melos e Samos – usada sob a forma de tablete contra pragas, venenos, animais peçonhentos e putrefação. Galeno valorizava particularmente a de Lemnos. Um dia por ano, na presença de governantes e religiosos, a argila era escavada de um poço em uma das colinas da ilha e preparada sob a forma de pastilhas que, antes de secarem ao sol, recebiam um selo oficial aplicado por sacerdotisas. Os tabletes eram então amplamente distribuídos comercialmente. É um dos primeiros exemplos de marca registrada na história.

Teriaga, triaga ou teríaca (do grego antigo *thēriakē*) significa antídoto ao veneno de animais selvagens, de *thērion* (animal selvagem). É um preparado farmacêutico, com supostas virtudes milagrosas e de origem antiquíssima (século II a.C.), usado até o início do século XX. Era composto por uma mistura de 60 a 70 substâncias pulverizadas e transformadas em um eletuário com mel. Eletuário é uma forma farmacêutica em desuso, caracterizada pela incorporação de pós, extratos ou polpas vegetais em várias substâncias, tais como mel, xaropes e resinas, resultando em um medicamento de consistência muito espessa.



Da esquerda para a direita, vasos de botica para mitridato e teriaga do século XVII. Museu da Farmácia, Lisboa, Portugal (fotografias dos autores).

A teriaga era um exemplo de polifarmacêutico. Continha um número variado de ingredientes, muitas vezes mais de 70. Originalmente indicada como antídoto para a mordedura de animais selvagens, tornou-se um antídoto universal para os venenos e remédio para numerosas doenças, inclusive a peste. Era composta sobretudo de ervas, mas entre seus ingredientes o ópio tinha papel preponderante. Ao longo do tempo também foram incluídos: carne de víboras, castóreo (substância oleosa odorífera segregada por glândulas do períneo do castor) e cebola do mar (*Scilla maritima*). A mais famosa das teriagas foi o mitridato (*mithridatium*), assim chamado em honra a Mitridates VI, rei do Ponto (na Ásia Menor, século II), que a experimentava em criminosos condenados.

A teriaga permaneceu importante artigo de comércio até o século XVIII, principalmente em Veneza. Sua preparação era feita, em verdadeira solenidade, por farmacêuticos eminentes sob a supervisão, geralmente, do Colégio Médico local. A farmacopeia de Edimburgo (do *Royal College of Physicians of Edinburgh*) excluiu a teriaga e o mitridato em 1756. Entretanto, essas misturas continuaram constando das farmacopeias na França, Alemanha e Espanha até o século XIX.